

CANTANDO HISTÓRIAS: EXPERIMENTANDO VIDAS

MARILENE ROSA NOGUEIRA DA SILVA*¹ -UERJ

“Mas, afinal de contas é preciso (lembrar), para o homem, sua maneira de ser e de se conduzir, o aspecto que sua existência faz aparecer aos olhos dos outros e aos seus próprios, também o vestígio que essa existência pode deixar e deixara na lembrança dos outros foram um objeto de preocupação estética. Eles suscitaram para ele um trabalho contínuo e sempre renovado de enformação, pelo menos tanto quanto a forma que esses mesmos homens procuraram dar aos deuses, aos templos ou à canção das palavras(...)”

FOUCAULT(2011,141)

Discuto a qualidade fulgurante da vivência de convocar num instante a totalidade de ser unidade mínima e ao mesmo tempo ir além de si mesmo em direção a vida geral. Um pensamento como ação que se expressa na textura de imagens fixadas em fotografias, nos signos e conjuntos de signos que inventam coerências, produzindo identidades ou identificações. Como operar a multiplicidade de corpus que conformam as narrativas do eu materializado nas lembranças? Cantando histórias ilumina duas mulheres comuns, identificadas negras e nomeadas avós. São elas Amélia e Maria. Com um modo de ver, assumidamente afetado, proponho analisar vidas artistas que estetizam o cotidiano, criando estilos de vidas não conformados, apesar de vinculados ao seu tempo. Destaco os ditos visuais, textuais e sonoros, como produção discursiva, logo como uma relação construída entre o discurso histórico e a historicidade também histórica. O que explicita o seguinte impasse metodológico :

Como falar de uma vida humana como de uma história em estado nascente se não há uma experiência que não seja mediada por sistemas simbólicos, entre eles , os relatos, se não temos nenhuma possibilidade de acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas a esse respeito por outros ou por nos mesmos (RICOEUR, 1983.p141)

¹ * Doutora em História, Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Experimento imagens em palavras. Do efeito da gravação da luz sobre determinada superfície, quimicamente, sensibilizada, fez surgir a imagem que identifiquei, afetuosamente, como Vó Amélia. O registro visual vem de um tempo no qual a fotografia ainda era a síntese das palavras gregas- *luz e escrita*. Contraponho as condições de possibilidades atuais da foto digital (com seus milhares de pixel) que pode ser analisada separadamente, redimensionada no seu tamanho e resolução, girada, recortada, ajustada nos níveis de cores, brilho e opacidade. Da foto prova às incertezas da foto digital que faz desaparecer todo e qualquer controle de autoria e estabilidade. A foto antiga de Amélia é digitalizada, sofrendo não apenas uma mudança física mas em especial, estética. Produzo um *close up* artificial que me permitiu fragmentar e, desta maneira, reinventar a cena. Amélia fora de foco do fotografo, deixa de ser uma das participantes da pose de um festejo familiar, para transformar-se em documento monumento de ego história que no dizer de Pierre Nora(1987):

Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstrata, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse a de outrem, tentar aplicar a si próprio, segundo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a História que cada um fez e a História de que cada um é produto(IDEM :p.11)



(Amélia Nogueira 1888-1975)

Amelia Dias Nogueira, filha de um ventre considerado livre desde a lei de 28 de setembro de 1871. Nasceu em 1888 no subúrbio distante de Ricardo de Albuquerque na cidade do Rio de Janeiro, ainda capital da Monarquia. Viveu as mudanças da cidade, sofreu os efeitos das grandes como das pequenas guerras particulares. A convivência diária com a Vó Amélia deixou marcas na minha infância: a mania de fazer cafuné enquanto trançava meus cabelos; de contar histórias, que segundo ela, foram contadas pela mãe da mãe de sua mãe. Tal qual uma griot contemporânea apresentou-me, antes mesmo dos historiadores/as com seus arquivos e fontes, dos cronistas e viajantes com suas litografias, as pretas de ganho que com seus tabuleiros circulavam pelas ruas e ruelas da cidade imperial A minha fantasia foi alimentada pelas imagens de lugares estranhos, de viagens muito longas, de mares bravios, de lamentos e dores: - “menina você está com calundu?” “- Aí se fez a travessia da Calunga Grande”, “pare de fazer muxoxo”. Palavras cujas sonoridades me agradavam mesmo antes de

compreendê-las. Seus sentidos foram decodificados muito mais tarde quando realizava a pesquisa do Mestrado ².

Amélia viveu todas as dificuldades de uma mulher negra e pobre, numa sociedade machista, preconceituosa e ainda enformada pela escravidão. Entretanto, ousou tramar uma outra história que não se adequava aos lamentos da senzala e suas mães pretas, nem às imagens de amor submisso e caricato dos sambas e marchinhas carnavalescas das primeiras décadas do século XX. Como no Amélia de 1943, sintagma nominal transformado no domínio da linguagem no Aurélio: “Do antr. Amélia, S.f. Bras. Pop. Mulher que aceita toda sorte de provações e/ou vexames sem reclamar, por amor a seu homem” .

Mario Lago na entrevista à Radiolândia de 1953 (VELLOSO:1997,119-120) procurou identificar sua musa inspiradora. Ela seria uma lavadeira que trabalhava na casa de Aracy de Almeida e do irmão, o baterista Almeidinha. Uma ótima pessoa, de dedicação sem limites, capaz de fazer qualquer sacrifício por sua família ou por qualquer pessoa que a ela recorresse. Teria um bom humor e não se aborrecia com as trapaças e dissabores da vida. Ainda de acordo com Lago, todas as vezes que o Almeidinha sabia de uma desavença amorosa no grupo, costumava dizer: “Ai que saudade da Amélia! Aquilo sim é que era mulher! Lavava, engomava, cozinhava, apanhava e não reclamava”.O compositor afirmava que a explicação desiludiu milhares de Amélias que se julgavam homenageadas pelo samba; porém, conseguiu recuperar a tranquilidade doméstica ameaçada: “Minha esposa até hoje é cismada com essa tal Amélia.”

Vô Amélia la vou, passou e engomou muita roupa pra criar e formar sozinha 8 filhos , com nomes imponentes: Nero (meu pai) Naylor, Edson, Arina, Erinea, Coaracy, Djanira, Lígia. além de dois netos(Jorge e Jurema) herança de uma filha que faleceu, precocemente de tuberculose. Sua casa na minha memória afetiva, era um grande varal de roupas brancas, lavadas na beira do poço. Como no samba de Wilson Moreira e Nei Lopes Coisa da Antiga :

² -Dissertação defendida na UFRJ em 1986 e publicada como “ Negro na Rua a Nova Face da Escravidão (Rio de Janeiro 1820-1888) São Paulo : Hucitec,1988

“Na tina vovó lavou/Vovó lavou/A roupa que mamãe vestiu quando foi batizada/ E mamãe quando era menina teve que passar /Muita fumaça e calor no ferro de engomar”.

Vô Amelia gostava de falar que não precisava de homem pra nada, justificando sua vida sozinha, voltada para uma prática religiosa católica híbrida, entre santos e orixás, rezas e quebrantos. “Botei pra fora o traste do meu marido, só servia para atrapalhar”. Afirmativa na contramão de um tempo de apologia da amélia, da mulher de malandro e da sua contra face- a puta, àquela que gosta da orgia, do luxo, cantadas pelos chamados bambas, como: José Barbosa da Silva- o Sinhô(mulato, nascido em 8 de setembro de 1888, numa casa modesta de Riachuelo) com seus sambas passionais : “Fala Baixo: Não é assim/ Assim não/ Não é assim/ /que se maltrata uma mulher. (...)”. Em 1924 no samba Já já recomendava: “Se essa mulher fosse minha/Apanhava uma surra já já/Eu lhe pisava todinha/ Até mesmo eu lhe dizer chega...”. Ou ainda em “ Alivia estes olhos” de 1920, sucesso do teatro que chega ao Carnaval de 1921, gravado por Francisco Alves. A letra começa assim: “Eu queria saber por que é/Que este homem bateu na mulher/ Que mulher engraçada e adorada/ que se acostumou com pancada.”.

O Gosto que me enrosco que animou os carnavais desde 1928 ainda se faz presente nas rodas de sambas cariocas:

Não se deve amar sem ser amado/ é melhor morrer crucificado/ Deus me livre das mulheres de hoje em dia/ Desprezam o homem só por causa da orgia// Gosto que me enrosco de ouvir dizer / Que a parte mais fraca é a mulher/ Mas o homem com toda fortaleza / Desce da nobreza e faz o que ela quer...

De uma autoria contestada, segundo biógrafos, teria sido roubado de Heitor dos Prazeres. Mas como ironizava Sinhô: “ - samba é como passarinho, é de quem o pegar.” Um samba maxixado ou corta jaca, mistura perigosa de lundu e polca, inventado pelos negros, no dizer dos cronistas da época. Uma dança considerada libidinosa na descrição de Jota Efegê:

_O que vem a ser o Maxixe? Nada mais simples e todavia, nada mais difícil de contar. O Maxixe pode definir-se desta forma: - enlace impudico de dois corpos, ou assim: conjugação indecorosa dos dois sexos. O Maxixe é um tango,

com ritmos novos, introduzido no Brasil por compositores brasileiros, mas na realidade, dança-se ao som de todas as músicas, de valsas, como de polcas, porque o Maxixe é o ato de dançar e não a própria dança... Não me pareceu que o maxixe fosse dança excessivamente culta, mas como dança licenciosa é de tirar o chapéu. (apud ALENCAR 1977)

Outra pérola do discurso machista, sucesso no carnaval de 1930, foi o samba de Heitor dos Prazeres:

Mulher de malandro sabe ser carinhosa de verdade/Ela ama com tanto prazer/ Quanto mais apanha a ele tem amizade/Longe dele tem saudade/ Ela briga com o malandro. Enraivecida. Ela manda andar/ Ele se aborrece e vai embora/ Ela sente saudade e vai procurar(...) Muitas vezes ela chora/Mas não o amor que tem/Sempre apanhando e se lamentando/Mas perto do malandro se sente bem

As canções citadas ativam imagens que iluminam os tempos de Vó Amélia. Uma senhora magra, de cabeleira longa, muito branca acondicionada num coque, sempre muito bem arrumada, altiva e falante com quem aprendi rezar, cantar marchinhas que embalam os folguedos suburbanos de sua juventude. Com destaque especial para o abre alas que eu quero passar, criado em 1899 por outra Vó - a maestrina Chiquinha Gonzaga. Com este abre alas faço a conexão entre as duas avós e suas trilhas sonoras. Produzo adjetivações para identificar Amélia como Vó biológica e Maria Vó cultural que se inventa pela música, inscrevendo-se na genealogia do samba de raiz. Foucault (1990) não dá samba mas nos instiga a pensar a questão da origem no samba:

O originário no homem é aquilo que, desde o início, o articula com outra coisa que não ele próprio, é aquilo que introduz na sua experiência conteúdos e formas mais antigas do que ele e que ele não domina. É aquilo que ligando-o a cronologia múltiplas, entrecruzadas, frequentemente irreduzíveis umas às outras, o dispersa através do tempo e o expõe em meio à duração das coisas (FOUCAULT: 1990.347)

Maria das Dores Santos nasceu em 05 de maio de 1911 em Mendes, interior do Rio de Janeiro. Somente em 2003, aos 92 anos, com o lançamento do primeiro CD, a narrativa em várias vozes de sua vida aparece nas redes sociais. Na imagem que dá sentido a sua

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

7

históriaVó Maria aparece cantando na peça de divulgação do seu site <http://www.vomaria.kit.net/bio.html>.³



O conceito de identidade narrativa ativado por Leonor Arfuch(2010) problematiza o espaço biográfico articulado às diversas formas de apropriação do eu instrumentaliza-me o pesamento. No dizer da estudiosa:

Para dar conta da positividade que assume, na reflexão contemporânea, a pluralidade das narrativas, enquanto possibilidade de afirmação de vozes outras, que abrem espaços novos para o sociais, para a busca de valores compartilhados e de novos sentidos de comunidade e democracia...”(idem p. 31

São estes novos sentidos de comunidade e democracia que construíram uma peculiar visibilidade na virtualidade para Vó Maria. Os seus diferentes tempos emergem na e pela

³ Acesso em 14/03/2013 às 18 hrs.

cultura digital que conforma a era do interprete(BAUMANN: 2010) com seus hibridismos, fragmentações e desterritorialização de acordo com Levy(1998)

o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização(...)Não mais o virtual como maneira de ser , mas a virtualização como dinâmica...A virtualização não é uma desrealização(a mutação de uma realidade num conjunto de possíveis) , mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro gravitacional.(IDEM. 86)

O poder do chip, circuitos integrados que revolucionam o mundo da comunicação, tem na internet a sua expressão. Porém, mais que um artefato tecnológico inovador, estabeleceu-se um novo espaço e tempo de interação social, onde emerge diferenciadas sociabilidade que não se ajustem as classificações tradicionais Na ancoragem midiática de relevância sedutora que aproxima o público e o privado como ordem narrativa de uma vida que longe de vir a representar algo já existente, impõe sua forma (e seu sentido) à vida mesma, permitindo iluminar , mesmo em pequenas escalas, uma paisagem de época. Na história de Vó Maria os lugares outros da memória são mapeados- Mendes, Grajaú, Maracanã, tecendo a trama dos relacionamentos afetivos, das amizades que surgem como um vir a ser que mais que explica, justifica. O caráter extraordinário de uma sambista jovem que se lança para a música, profissionaliza-se aos 93 anos, conduz a narrativa. Assim ela foi iniciada na blogosfera:

(...) Aos 89 anos participa da roda de samba Segunda dá Samba, organizada por Zilmar Basílio na primeira vez que Vó Maria canta para um público de mais de 100 pessoas. Foi aplaudidíssima(...) Aos 90 anos torna-se presença constante nas Rodas de Samba do MIS onde sempre foi convidada pela Presidente Marília Barboza a dar uma canja . Em janeiro e fevereiro de 2003, Vó Maria grava o seu primeiro CD financiado pelo Fundo Nacional de Cultura , na gestão do Ministro Francisco Weffor. O CD foi editado pelo Instituto Cravo Albin, tendo como produtora artística Marília Barboza e direção musical de João de Aquino. Enquanto Vó Maria aguardava o lançamento do seu primeiro CD, o que aconteceu no dia 22 de setembro de 2003, na Sala Cecília Meireles, ela com muito bom humor e alegria contava estórias e cantava para os seus muitos netos e bisnetos . Em 14 de janeiro de 2004, Vó Maria submeteu-se à prova da Ordem dos Músicos tendo sido aprovada com nota 10, por unanimidade. Neste mesmo dia sindicalizou-se no Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro.(

Apresento a matéria publicada no site www.velhosamigos.com.br/foco/vomaria.html⁴ em 10 de fevereiro de 2004, após o lançamento do CD. Destaco trechos que iluminam os diferentes lugares de fala da Vó Maria- a família, os casamentos, trabalho, os amigos e a música. A entrevista politiza o ato de trazer a memória, de fazer recordar sem a preocupação com a veracidade do narrador. Direciona o meu olhar para o que foi lembrado, em especial, o que induziu a lembrança. A questão de gênero ativa os laços de pertencimento entre a entrevistadora a entrevistada mediada, por outra mulher- a neta Sota Regina. Vejamos o que selecionei das falas capturadas na rede:

LOU- Tenho a honra de entrevistar a Vó Maria, esta pessoa linda, dona de uma voz singular, uma prova viva de que a gente pode fazer mais de 90 anos, e continuar cantando, sorrindo e brincando como nos ensina a arte de viver.

VÓ MARIA: A vovó tem 92 anos. (faz agora em maio, 93 anos) Minha mãe se chamava Jandira e meu pai Sebastião Rosa dos Santos. Tenho 11 irmãos. Eu sou a terceira. Os dois primeiros já faleceram e três que eram depois de mim também. Só tem 6 vivos.

LOU: Em que dia você nasceu?

VÓ MARIA: 5 de maio de 1911.

LOU: Onde?

VÓ MARIA: Em Mendes, Estado do Rio. Fui criada na roça até os dez anos. Em 1922, uma família me trouxe pra eu brincar com o casal de filhos que ela tinha.

LOU: E você brincava e tomava conta?

VÓ MARIA: Tomava conta mais ou menos, mas tinha empregada. Eu fui só pra brincar com eles... depois, fui ficando moça, me botaram na escola, mas não deu certo, não gostava. Meus pais de criação eram médicos, um irmão era médico e fui criada com eles e com a vovó, que era portuguesa, e era doente e eu então aprendi a fazer a dieta. Desde os 15 anos, comecei a fazer dieta pra diabéticos e pra pessoa que tinha angina. Então, sou dietista, única profissão que eu tenho assim.

LOU: Como era o nome desse casal que trouxe você?

VÓ MARIA: Era Dinah Rocha de Paiva Ramos e José Ubirajara de Paiva Ramos, já falecidos também. E naquela época, nós viajavamos muito. Quando eu vim da roça, fui pra Icaraí; depois, tinha casa própria no Grajaú, quando o Grajaú, em 1922, ainda não tinha nada. E foi lá que eu fui criada até ficar moça quando me casei.

⁴

Acesso em 24/03/2013 às 17:40hrs

A Vó Maria vai apresentando sua história. Fala do nascimento, da chegada ao Rio de Janeiro, de uma certa da família de criação e da primeira família conjugal:

LOU: Casou com quem?

VÓ MARIA: Com Maciel Francisco dos Santos.

LOU: Era o Donga?

VÓ MARIA: Não! Ainda não! Aí a vovó tinha só 23 anos. O último casamento é que foi com o artista Donga. Antes disso, a vovó só ia às batalhas de confete; a vovó nunca foi no morro; a vovó nunca tinha frequentado escola de samba naquela época.

Fiquei viúva com 23 anos, antes da minha única filha, Nilza, completar 3 anos. Com 26 anos, tornei a me casar porque fui criada numa família que dizia que a gente tem que dar exemplo aos filhos, e eu tinha uma filha. E os meus pais também, verdadeiros, diziam que a mulher que vinha pro Rio, você sabe...E eles não queriam deixar...

LOU: Você então se casou pela segunda vez pra criar sua filha numa família... Tinha que ter um chefe.

VÓ MARIA: É, me casei com o jornalista João Conceição, professor de inglês, mas a carteira dele é dos Estados Unidos e fiquei 15 anos casada com ele. Ele montou um jornal americano... igual ao dos Estados Unidos, de racismo (...)

A conversar procura destacar o seu contato com intelectuais do movimento negro, permitindo iluminar o grau de participação política da entrevistada mas a Vó retorna às suas questões familiares. O seu fazer-se pelo casamento, como também o livrar-se dele., com especial atenção ao seu casamento com a fama, no caso, com a fama do sambista de pelo telefone:

(...)LOU: Eu li que participavam das reuniões na sua casa, pessoas ilustres como o senador Abdias do Nascimento, o sociólogo Guerreiro Ramos, o pesquisador Haroldo Costa, a advogada Sebastiana Arruda...

VÓ MARIA: É. Eles conversavam sobre racismo e sobre o jornal negro. Mas no fim de 15 anos, nosso casamento não deu certo. Ele achou graça na secretária dele. Um dia ele chegou em casa e disse: - Maria, um dos dois aqui é demais: ou eu ou você. Eu disse: - Ó meu filho, querendo ir embora a porta não fecha, porque eu sou muito audaciosa, a porta não fecha nem pra cachorro, querendo ir embora, pode ir. Você pode voltar que você me encontra no mesmo lugar. Aí, passou o tempo, eu me desquitei.

VÓ MARIA: Quando ele ficou viúvo, pela segunda vez, e eu já desquitada, a Lygia convida a vovó pra fazer a tal dietinha. Ela disse: - A senhora é muito maravilhosa, mãe, porque a senhora não vai tomar conta do papai? Ele já vai fazer 70 anos, está muito doente, ficou viúvo, a senhora

sabe, a senhora tem paciência. Eu disse: - Olha, teu pai é zangado e eu também sou, sempre a mesma coisa. Mas ele agora não é mais! A senhora é maravilhosa, a senhora sempre tomou conta. Então, eu fui, e foi aí que eu estive casada, vivi com o Donga, por 15 anos. Ele que compôs "Pelo Telefone" (1º samba gravado).(...)

LOU: Agora, eu tô entendendo tudo. As famílias hoje em dia são assim. Difícil da gente entender. Mas você era muito avançada pra época, porque isso tá acontecendo há coisa de 20 anos (...)

VÓ MARIA: Não, "minha neta". Separações vêm acontecendo, há mais tempo(...)

LOU: Nos anos 50, era difícil. As mulheres aguentavam, chorando até o fim. E a sua carreira como foi? Você conheceu o Donga e aí você...

VÓ MARIA: Aí, ele foi morar no Méier, na Rua Dona Claudina. Foi aonde eu me casei com ele, porque a casa própria dele, na Rua Almirante Cândido Brasil, nessa altura, estava em construção, em reforma. Mas o engenheiro, como o Donga tava meio doente e tinha ficado viúvo, também parou com a casa. Quando eu fui morar com ele eu falei: - Ô Donga, a sua casa está lá fechada, você não fala mais com o engenheiro e neste ano ele não mexeu, não foi lá nem uma vez. Então, eu vou começar a tomar conta da casa. Aí comecei a tomar e o engenheiro, se fosse hoje, se pudesse me matava, ele não me suportava. No fim de 6 meses, a casa estava pronta!

E O SAMBA CHEGOU A NOSSA CASA

VÓ MARIA: Foi aí aonde começou os sambas na minha casa todo dia 5 abril, que era aniversário dele, onde começou Martinho da Vila, Clara Nunes, João da Baiana, Pixinguinha, João Nogueira, Xangô da Mangueira, Aniceto... todos eles iam lá nos aniversários. (...)

LOU: Desde quando ele era compositor?

VÓ MARIA: Desde 1917.

LOU: Se você soubesse que tinha de ser "profissional" teria tirado carteira naquela época... (risos)

VÓ MARIA: Ah, ele não quis, - Mas eu cantava: - "Hoje é dia do seu aniversário, parabéns, parabéns, faço votos... quando Mário Rossi, ele era poeta, diretor da SBACEM, viu o tom que eu cantava, ele dizia: - eu conheço essa voz, é de uma cantora conhecida. Aí ele dizia pro Donga: - "porque essa mulher não canta?" - Que cantar coisa nenhuma! Ela tem mais o que fazer, cantar nada!" - o Donga respondia. E naquela época, também era assim: pra você cantar numa rádio, você tinha que... Você sabe, né?... Fazer outras coisas... entende?

LOU: Eu sei como é que era... "Tinha que ser fácil" ... né?

Por fim .destaco o fazer -se pelo trabalho enfatizado na entrevista:

(...) LOU: Vem cá, Vó Maria. Você trabalhava fora?

VÓ MARIA: Eu trabalhei durante 30 anos, na fábrica de renda, na Rua Garibaldi. Meu marido não queria que eu trabalhasse e, por duas vezes, ele foi na fábrica dizer que eu fazia aquilo pra humilhar, porque eu não precisava.

LOU: Fazia parte da sua realização de mulher. Você se aposentou?

VÓ MARIA: Me aposentei. Tenho pensão pequenina de 240, mas é minha a pensão e não vivo só com ela, porque tenho a pensão do Donga que ele me deixou todas registradas pra mim.

Agora, hoje, a vovó vai te dizer uma coisa: - com 93 anos a vovó foi boba, não aproveitou nada, nada, nada, sempre andei direito. Fui casada 3 vezes, mas ninguém vai dizer minha mulher fez isso, fez aquilo, todos os 3 já estão mortos.

LOU: Antigamente havia o preconceito, o tabu pra tudo que fosse prazeroso para a mulher. Ela não tinha direito, só o homem. A mulher tinha que cuidar da casa, não podia seguir uma carreira artística. As que romperam as regras sofreram toda sorte de discriminação.

VÓ MARIA: Só o homem podia tudo. Olha, no meu tempo, a minha mãe dizia: - Vai Maria! (...)

VÓ MARIA: Mas agora, com 93 anos, a vovó vai enfrentar.

LOU: Isso mesmo. Tá começando uma carreira.(...).

A imagem no CD de uma Vó Maria vitoriosa na apresentação do crítico Ricardo Cravo Albim encerra a matéria e este texto.

Este é o primeiro disco- e logo um CD! - que ela grava - pimpona, lépida e fagueira - aos 92 anos de idade. Logo ela que poderia (e deveria) ter registrado sua voz, a partir dos anos 20 (numa bolacha de cera, feita em gravação mecânica). Portanto, trata-se da mais antiga cantora do mundo a estrear em disco (recorde, quero crer, a ser registrado até no Guinness)..." Assinado: Ricardo Cravo Albim.



Acordes finais

Imagem, texto e palavras, melhor dizendo, à canção das palavras nas

palavras de Foucault que como o abre alas da Chiquinha introduz este ensaio geral. Uma percepção, ainda de acordo com o filósofo pensador, em sua estilística, sempre histórica, das

condições de possibilidade do objeto que permite uma aproximação denominada formação discursiva. Enfim, cantando histórias, ilumina o conjunto de regras anônimas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa, dando o tom da narrativa.

Nas escalas deste texto samba canção, sem dó nem piedade; sem ré, logo sem pretensão de resgates. Com o lá dos diferentes espaços biográficos da Vó Amelia, da Vó Maria tramado pela também avó Marilene. O ensaio em mi maior estetiza a existência de quem se inventa ao inventar problemas. Dos refrões de outras vozes ecoa num solo epistemológico, na poética de Fernando Pessoa em sol maior, os acordes finais do experimento:

“ Não sou eu que descrevo. Eu sou a tela. E oculta mão colora alguém em mim. Não meu, não meu é quanto escrevo. A quem o devo? De quem sou arauto nato? Porque enganado Julguei ser meu o que era meu?

FONTES DIGITAIS:

<http://www.velhosamigos.com.br/foco/vomaria.html>

<http://www.vomaria.kit.net/bio.html>.

<http://ecosdotelecoteco.blogspot.com.br/2012/02/papo-de-teleco-teco-com-voces-vomaria.html>

http://www.youtube.com/watch?v=b2D9fNVIrZQ&feature=player_embedded

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. Crítica Cultural entre Política y Poética. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

BOSI, Ecléa. Memória de Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo:Cia das Letras.1994

FOUCAULT, Michel. Dits et écrits, vol. 4, Paris, Gallimard, 1994.

_____A Coragem da Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2011

_____. O Homem e seus duplos. In As palavras e as coisas . São Paulo: Martins Fontes,1990.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. Micropolíticas: cartografias do desejo. Petrópolis:

GUIMARÃES. César. Imagens da Memória: Entre o legível e o visível. Belo Horizonte:

UFMG

Ed.1997Vozes,1993

LEMOS, André;CUNHA, Paulo (orgs.). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina, Porto Alegre, 2003

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo ed.34,1999.

----- As Tecnologias da Inteligência. Rio de Janeiro: editora 34;1993.

MORAES, Denis de. O Concreto e o Virtual: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RAGO, M.; ORLANDI, L.; Veiga Neto, A. (org.) Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DPA, 2002

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. Negro na Rua a Nova Face da Escravidão. São Paulo : Hucitec,1988

_____TORRES, Magda Maria Jaolino, ROCHA, Luciano Pinto. Experimentadores: Michel Foucault e práticas historiográficas. Rio de Janeiro: Pajú, 2011.

VELOSO, Mônica. Mario Lago: Boemia e Política. Rio de Janeiro: FGV,1997